



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia em comemoração à produção de 15 milhões de veículos da marca Volkswagen do Brasil

São Bernardo do Campo-SP, 02 de maio de 2005

Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Meu caro embaixador Friedrich Prot von Kunow, embaixador da Alemanha no Brasil,

Minha querida companheira Marisa Letícia da Silva,

Meu caro companheiro Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho,

Meu caro Peter Hartz, vice-presidente mundial do Grupo Volkswagen,

Senhor Hans Christian, presidente da Volkswagen do Brasil,

Senador Aloizio Mercadante,

Deputados Jamil Murad, João Paulo Cunha, Edinho Montemor,

Companheiro Vicentinho,

Prefeito Willian Dib,

Prefeito José de Filippi,

Meu querido companheiro Marinho, presidente da CUT,

Feijóo, presidente do Sindicato,

Meus companheiros e companheiras trabalhadores da Volkswagen,

Empresários do setor automobilístico,

Representantes das concessionárias, das revendedoras,

Meus queridos companheiros que aqui nos abrilhantaram com o Hino Nacional,

Meus queridos companheiros,

Minhas queridas companheiras,



Aqui, na verdade, não precisaríamos sequer fazer um discurso. A apresentação da história da Volkswagen, por si só, demonstra o momento que vive o nosso país e demonstra a trajetória da evolução da indústria nacional.

Se pegarmos as informações contidas no documentário da Volkswagen, de que em 1953 nós não produzíamos nada, apenas montávamos, e que ao longo do tempo fomos produzindo 30%, 40%, 50%, 60%, que a gente primeiro consumia todos os carros aqui, depois exportávamos para vários países, e que somente este ano nós estamos produzindo 100% de um carro aqui para que esse carro seja vendido na Europa e, sobretudo, na pátria mãe do Volkswagen.

Essa é uma revolução conceitual, uma revolução de política industrial que os meus amigos sindicalistas alemães devem estar nervosos comigo, devem estar gritando porque vão dizer que nós estamos gerando empregos no Brasil e que não estamos gerando emprego na Alemanha. Mas o dado é que nós queremos contribuir com a Alemanha gerando empregos aqui, vendendo carro lá, trazendo tecnologia, fazendo parceria, principalmente para a Alemanha que é um país que tem uma relação profunda nas suas inversões econômicas e tecnológicas no nosso país.

Portanto, eu queria começar dando os parabéns à Direção da Volkswagen do Brasil, à Direção da Volkswagen da Alemanha, de tomarem essa decisão tão extraordinária para que a gente possa, definitivamente, poder ter o Brasil como um país de ponta na elaboração de projetos e na criação de novas tecnologias para a indústria automobilística brasileira.

A segunda coisa importante. Eu fiquei emocionado, muito emocionado quando eu vi o meu TL ali na porta de chegada. Um TL que eu adquiri, aqui, em 1973, um TL da frota da Volkswagen, que era o carro mais chique da Volkswagen daquela época. É verdade, meu caro Paulo Markun, que eu e dona Marisa namoramos bastante naquele carro, namoramos muito tempo porque parte da minha vida, eu diria, construímos tendo esse carrinho como o meio de transporte meu e da minha família.



A terceira coisa, que eu acho importante num ato com uma quantidade enorme de empresários do setor automobilístico.... O dia em que eu for em algum lugar do mundo e não tiver alguma coisa para reivindicar, alguma coisa estará errada, porque nós temos todo o direito de estar sempre martelando as coisas que faltam fazer, mas é importante a gente lembrar o extraordinário sucesso da indústria automobilística nesses últimos dois anos.

É importante lembrar o crescimento das exportações da indústria automobilística, é importante lembrar que até países como o México importaram 100 mil carros brasileiros, é importante lembrar que para a Argentina foram mais de 40 mil carros, é importante lembrar que para a Venezuela foram mais de 20 mil carros, ou seja, até países que não tinham o hábito de utilizar carros com resultado da produção brasileira. E isso está acontecendo porque nós estamos convencidos de que um país da importância do Brasil precisa, cada vez mais, tornar plural a sua relação comercial para que, junto com países que tenham similaridade ao Brasil, a gente possa estabelecer acordos com a União Européia, a gente possa estabelecer acordos com os Estados Unidos, mas a gente possa também estabelecer acordos criando novas frentes de exportação dos produtos brasileiros em países que, até então, tinham dificuldade de importar as coisas produzidas no nosso país.

É por isso que eu posso anunciar para vocês que, no dia de hoje, nós comemoramos, em 12 meses, 104 bilhões de dólares de exportações, com um saldo comercial de 37 bilhões e 600 milhões de reais, o que não é pouca coisa para um país que historicamente viveu sempre em dúvida se deveria exportar muito ou se deveria fortalecer o mercado interno. Ora dedicava-se tudo à exportação, ora dedicava-se tudo ao mercado interno, e nós estamos construindo uma solidez de política econômica e de política de comércio exterior, que permita a gente afirmar que não há nenhuma incompatibilidade entre o alto crescimento na nossa política de exportação e o crescimento do mercado interno brasileiro.



Para que isso possa acontecer, vocês estão acompanhando as coisas que estão acontecendo, apesar do câmbio, de que muita gente fala, mas a gente deveria fazer uma comitiva para ir se queixar do câmbio onde efetivamente está a razão da desvalorização do dólar, que não é no Brasil. Todo empresário sabe que o câmbio tem um problema com a política americana e não é um problema para que nós resolvamos do jeito que alguns imaginam. Mas, ao mesmo tempo, com o câmbio da forma que está, salvo alguns setores da indústria brasileira, o restante continua não apenas produzindo bem, mas exportando muito bem e o resultado é a nossa balança comercial.

Mais importante ainda é a geração de empregos, é importante lembrar para que a gente possa ter clareza do que tem acontecido no nosso país. Nós passamos dez anos em que a média de geração de empregos na indústria brasileira era de apenas 8 mil empregos por mês. E nesses últimos 24 meses, nós estamos criando 91 mil novos empregos a cada mês, criando 2 milhões e 400 mil empregos com carteira profissional assinada.

Isso não é mérito do presidente da República, do presidente do sindicato, do governador do estado ou do prefeito da cidade, isso é mérito de uma sociedade que pela primeira vez acredita em si própria, que pela primeira vez, coloca a auto-estima acima de qualquer pessimismo e acredita que nós temos a obrigação de fazer com que o país tenha sucesso e que dê certo, não apenas na questão da indústria.

Acabei de receber um informe do ministro Walfrido Mares Guia, há muito tempo o Brasil tinha déficit na balança do turismo, há muito tempo. E neste trimestre nós tivemos, somente no Banco Central, a entrada de 1 bilhão e 8 milhões de dólares, um superávit no trimestre de 174 milhões de dólares, coisa em que, antigamente, nós tínhamos muito déficit. E por que isso está acontecendo? Porque governo, empresários e muita gente que viaja pelo mundo está aprendendo a viajar pelo mundo vendendo as coisas boas que o



Brasil tem, divulgando as coisas que o Brasil tem e não vendendo pessimismo como, habitualmente, nós costumávamos assistir em debates internacionais, em conferências, em que a gente muitas vezes viajava para chorar o que não tinha, ao invés de divulgar o que a gente tinha.

E esse sucesso se deve a um conjunto de ações que envolvem do menor empresário brasileiro, que começou a pegar o gosto pela exportação, até pelo próprio correio, ao maior empresário brasileiro, que está aprimorando e está tendo hoje muito mais oportunidade de colocar os seus produtos em outros lugares. Os resultados são visíveis: para a África, o comércio exterior brasileiro cresceu 45%; para a América do Sul, cresceu 58%; para o mundo árabe, cresceu quase 55%, sem que houvesse diminuição na União Européia e nos Estados Unidos.

O que nós precisamos é ter mais ousadia, o que nós precisamos é ser mais arrojados, viajarmos mais esses países e fazer com que os nossos produtos possam ter mais acesso à Europa e aos Estados Unidos. Nós agora temos 15 novos irmãos que entraram na União Européia, são 15 países mais pobres do que os ricos que nós conhecemos. E nós temos condições de competir para que esses países não se transformem numa espécie de chamariz de investimento dos países europeus que, tradicionalmente, investiam no Brasil. Não depende do governo alemão, não depende do governo inglês ou do governo francês, depende da nossa ação política porque, a depender deles, eles vão fazer investimentos onde for melhor para eles e onde tiver mais lucratividade para a empresa.

Nós é que temos que conquistar essa competitividade, nós é que temos que colocar os nossos produtos com mais qualidade, com mais tecnologia, a um preço acessível e competitivo e nós temos condições de fazer isso. É por isso que eu quero dizer ao presidente da Volkswagen e a todos aqueles que tanto discutem no Brasil, que nós não temos nenhum problema de discutir toda e qualquer política que possa ajudar a dinamizar os setores da indústria



brasileira, porque durante 20 anos se disse, neste país, que não se precisava de política industrial.

Durante 20 anos se discutiu no Brasil que política industrial era uma coisa a ser definida pelo mercado, era uma coisa a ser definida pela concorrência. E nós, desde o ano passado, definimos que mais do que qualquer outro país, o Brasil precisa de política industrial. E por isso o BNDES anunciou 1 bilhão e 600 milhões de reais de investimento em setores que nós entendemos, como software, o fármaco, a indústria de bens de capital, para que a gente possa garantir que este país tenha definitivamente um ciclo de crescimento duradouro que possa perdurar 15, 20 ou 30 anos, para que a gente sonhe em sair daquela história de ser eternamente um país subdesenvolvido ou um país em vias de desenvolvimento.

Nesse pouco tempo de governo o Congresso Nacional, sob a presidência do companheiro João Paulo, teve um papel extraordinário na aprovação da legislação que precisava ser aprovada. Nesses dois anos de governo, o companheiro Aloizio Mercadante tem se destacado para que a gente consiga aprovar as coisas no Senado.

E queria dizer aos companheiros que as reformas que nós fizemos foram necessárias e outras precisam vir, inclusive, eu espero que o movimento sindical me lembre, me convoque para discutir as coisas que precisam ser feitas. Não é possível que alguém defenda a estrutura sindical brasileira como ela existe. Não é possível, porque a estrutura sindical brasileira é cópia fiel da *Carta de Lavoro*, de Mussolini, e foi a estrutura sindical brasileira que fez com que esse sindicato aqui, brigando para mudá-la, se transformasse num grande sindicato. E isso interessa aos operários e interessa aos empresários que têm uma visão de sindicalismo livre e de organização muito mais forte.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu estou aqui, meus queridos companheiros diretores da Volkswagen, meus queridos trabalhadores, estou aqui feliz. Feliz porque a gente pode perceber que a



indústria automobilística brasileira não deve nada a nenhuma indústria automobilística; feliz porque os trabalhadores brasileiros não devem nada a nenhum trabalhador brasileiro. E mais feliz ainda porque historicamente não era fácil um presidente da República visitar uma fábrica e poder falar com os trabalhadores. E mais feliz ainda quando a gente percebe que consolidamos um processo democrático tão extraordinário que os nossos companheiros trabalhadores podem participar do ato, até levantando as faixas que, muitas vezes, precisam ser enxergadas por todos nós.

Por isso, meus companheiros, eu espero viver muito ainda para vir aqui ao lançamento de outros produtos da Volkswagen, de outros carros brasileiros exportados para o exterior. E eu estou convencido de que o Brasil vai utilizar o século XXI para que possa se transformar na grande economia deste século. Se o século XIX foi da Europa, se o século XX foi dos Estados Unidos, não tenho dúvida, o século XXI será o século do Brasil, da América do Sul e dos países pobres do mundo.

Muito obrigado, meus parabéns e boa sorte.

Eu agora vou quebrar o protocolo, aqui. Vejam, eu sou um amante da cooperativa neste país. A primeira medida que nós tomamos no governo foi tirar todos os penduricalhos, no Banco Central, que atrapalhavam a organização de cooperativas. Nós sabemos o que representa o cooperativismo na Alemanha, nós sabemos o que representa o cooperativismo nos Estados Unidos, nós sabemos o que representa o cooperativismo em alguns países do mundo. E eu sonho que um dia a gente possa transformar o Brasil num país que tenha uma predominância de cooperativas em vários setores, tanto de trabalhadores quanto de empregadores. Eu, por exemplo, acho que os comerciantes das pequenas e médias cidades brasileiras deveriam se organizar em cooperativas, porque essa é a forma mais eficaz para a gente garantir que os juros possam baixar e que as pessoas não precisem ficar dependentes de vender o seu patrimônio para trocar uma simples duplicata.



Eu me encontrei com os companheiros da cooperativa de crédito dos metalúrgicos, que me contavam das amarguras de que o trabalhador ainda não tem consciência de cooperativa. E eu disse para eles: para demonstrar que é uma coisa importante e uma coisa sólida para os trabalhadores, no dia em que eu for na Volkswagen, eu e a Marisa vamos nos tornar sócios da Cooperativa de Crédito dos Metalúrgicos do ABC, para passar confiança a quem dela quiser fazer parte.

Muito obrigado.